

Cultura e identidade local: literatura regional

Ms. Tereza Ramos de Carvalho (FAG)*

Acadêmicos de Letras: Keilyane Araújo Sousa, Lílian Maria dos Santos, Célio Curcino, Dinalva Alves da Araújo, Leonice Chaves dos Reis, Lucília Benício Pereira, Maria Dorilene A. Galvão, Nivar Caixeta, Niracy Maria Maciel, Sebastião Fonseca da Rocha, Dorian Scheffler Lima, Orlane Pereira Noleto, Kelcya Fernanda C. dos Santos (FAG)

RESUMO:

O artigo é resultado de uma pesquisa desenvolvida em algumas comunidades do estado do Tocantins: origem, cultura, oralidade – seus múltiplos diálogos, seu modus vivendi que afirma sua identidade local, a partir do posicionamento dos contadores de causos e das manifestações culturais. Queríamos verificar seu posicionamento enquanto mediadores entre a cultura local – da oralidade – e a cultura letrada. Nosso principal objetivo foi registrar para preservar a memória coletiva dessa cultura que ora tende a desaparecer, mormente se considerarmos as regiões que sofrem algum tipo de exclusão social e cultural externas; caso da região Norte do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura local; Regionalismo; Memória coletiva; Oralidade; *Modus vivendi*.

A idéia inicial desta pesquisa surgiu com o objetivo investigar como as comunidades se organizam e conseguem preservar suas histórias, seus causos, para que, para quem e como contam. Como cultivam sua memória coletiva, seu *modus vivendi*. Queríamos verificar como esses contadores de *causos* se posicionam enquanto mediadores entre a cultura local – da oralidade – e a cultura letrada. Dentre várias questões que se nos apresentaram: as variações lingüísticas e temáticas, a necessidade de preservação, assim como o processo de adaptação que essa literatura oral vem sofrendo no transcorrer da história foram o grande achado desta pesquisa. O projeto passou por três etapas: a primeira voltada para revisão literária com estudos teóricos sobre o tema proposto; na segunda etapa o grupo partiu para pesquisa *in loco*. Fomos por duas vezes à cidade Itacajá, onde entrevistamos várias pessoas sobre as histórias locais e encontramos elementos importantes nas narrativas orais. Realizamos um evento na FAG, apresentando vários segmentos da cultura local: dança, música, poesia, comidas típicas da região, repentistas, contadores de causos, inserindo a cultura popular no espaço acadêmico.

A partir desses elementos da cultura local, o grupo de pesquisa resolveu desenvolver subprojetos, abordando temas específicos da cultura popular de Guaraí e região. O trabalho, que antes parecia simples, adquiriu uma dimensão maior. Vale ressaltar que temos várias narrativas ouvidas, narradas e transcritas. Além das pesquisas desenvolvidas e apresentadas, neste projeto nos propusemos a criar um banco de dados para preservar a memória coletiva dessa cultura que ora tende a desaparecer. Mormente se considerarmos a influência das regiões que sofrem algum tipo de influência externa de exclusão social, caso da região Norte do Brasil que parece passar por um processo de massificação da cultura aparentemente homogênea, se considerarmos a forte influência dos meios de comunicação de massa.

No transcorrer da pesquisa percebemos que não só questões voltadas para a cultura da oralidade, mas questões sociais e antropológicas são de grande relevância à literatura,

*Faculdade Guaraí - FAG

especificamente à regional, até mesmo porque é impossível discutir literatura sem estabelecer uma interlocução com essas áreas.

1 Reconhecendo a cultura local

Em nosso Estado, como na maioria dos estados brasileiros, muitas pessoas passam por um processo de cultura de segregação, e mesmo à margem da cultura urbana, ainda cultivam suas histórias e crendices que devem ser conhecidas e divulgadas. Com o objetivo maior de preservar essa cultura e de mantê-la viva, e de fazer com que o iletrado seja ouvido, mesmo que por poucos, são fatores que poderão transformar a cultura de segregação em cultura de agregação.¹

Nesta pesquisa atentamos para a seguinte questão: como os contadores de causos se posicionam enquanto mediadores entre a cultura local - da oralidade, e a cultura dita letrada. Porque nesse tipo de investigação sempre há um processo de troca: antes de sermos mediadores somos sujeitos/objetos: temos que ouvir e registrar para depois cumprirmos nosso papel de mediadores. Evidenciar as variações temáticas, as necessidades de preservação da memória coletiva, como também o processo de adaptação que essa literatura oral vem passando no transcorrer da história é um passo importante para identificação cultural de um povo.

Toda narrativa tem origem na oralidade, pois a escrita nasceu e cresceu a partir do desejo e da necessidade dos povos de encontrarem uma forma para registrar, conservar e difundir suas histórias e seus conhecimentos, crenças e mitos, que justifica e explica as ações de um grupo, no contexto social. Assim em vários momentos, essas crenças e mitos, de caráter universalista, ao entrarem em contato com outras culturas, incorporam-se a elas, estabelecendo assim diálogos constantes e atualizados, pois são adaptadas de acordo com a cosmovisão local.

Se “em todos os países do mundo há lendas, costumes, superstições, tudo unido à tradição popular, fazendo parte da alma e da essência de um povo”, como afirma Câmara Cascudo (1984), podemos positivamente afirmar que a cultura universal manifesta-se atrelada à cultura local, ou melhor, a cultura local está em constante diálogo com a cultura universal, apesar do distanciamento temporal e espacial que existe entre elas.

A produção literária em um país como o Brasil, e possivelmente em todos os países periféricos está sempre marcada por uma ambivalência peculiar: resulta do choque entre o modelo literário estrangeiro e a matéria local, predominantemente iletrada, portanto, marcada pela oralidade. Essa matéria local, sempre subjugada pelo modelo estrangeiro, constitui, entretanto – e nisso reside sua força – um resíduo, por natureza indócil e resistente. Podemos percebê-lo nas obras com valores e sentidos desiguais. Do choque acima referido pode resultar uma literatura mais abertamente cosmopolita. Em outros casos, porém, a matéria local – personagens, linguagem, tema, espaço, tempo, ambiente, etc. - dá o tom. Nesse caso temos as mais diversas formas de literatura regionalista. Ou seja, o regionalismo se apresenta como local da cultura e cultura local ao mesmo tempo.

A narrativa regionalista é vista, num primeiro momento, como marca de exclusão, pelo fato de que seus personagens recebem um tratamento anedótico, cuja função parece ser apenas servir de espetáculo para o homem da cidade, além de o encontrarmos fora do eixo cultural. Num segundo momento, o regionalismo transforma-se, gerando a literatura sertaneja que se estendeu às melhores tendências literárias após 1930. A partir desse momento o regionalismo pitoresco cede lugar ao regionalismo crítico. O que antes era apresentado como o exótico, aparece agora com uma complexidade até então inexistente nas narrativas.

¹ CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: T. A. Queirós Editor, 2000.

Atualmente, o pitoresco do regionalismo romântico cedeu lugar a um regionalismo crítico, com um contexto sociológico, que não se satisfaz em apenas divertir o público-leitor, mas despertá-lo para a realidade brasileira. O modelo regionalista permanece hoje na literatura porque entre nós o moderno coexiste com o arcaico. O iletrado é cada vez mais excluído. No entanto, é ele que é representado na ficção regionalista como principal personagem.

O escritor ao mesmo tempo em que escreve um texto altamente elaborado, em que via de regra, apresenta o iletrado como seu personagem principal, o faz visando um público letrado, restrito. E considerando a presença desse personagem como característica marcante na narrativa brasileira, podemos entender a posição do escritor enquanto mediador entre esses dois mundos distintos: o da cultura letrada e o da oralidade.

Podemos afirmar que o regionalismo na ficção brasileira evidencia uma continuidade, pois ao representar o drama humano, o escritor penetra no imaginário regional sem prender-se a exotismos locais, (que só contribuem mais ao processo de segregação), mas com intenções à denúncia, e insere o leitor no imaginário regional, no seu universo vivencial ali representados. Isso provoca maior integração entre leitor e personagem, que culmina numa realidade que não é sua, mas que faz parte de uma cultura própria, diferente daquela que participa. Isso promove no leitor a incorporação da realidade da obra as suas experiências pessoais e promove a universalização da obra.²

Para o crítico literário Herman Lima, a literatura pode ser classificada em duas categorias: universal e regional.³ No texto de caráter universal, se estudam os problemas universais do homem: os sentimentos, as paixões, enfim, a alma universal. Já o regional, além de conservar uma base universal, está voltado para certos meios e tipos, características de meios sociais exóticos ou de civilizações pitorescas.

Para Candido na maioria dos países da América Latina há um grande número de pessoas fora do alcance da literatura erudita, mergulhadas numa etapa folclórica de comunicação oral. Alfabetizados e absorvidos pelo processo de urbanização passam para os domínios dos meios de comunicação de massa – rádio, TV, histórias em quadrinho. Com isso, a alfabetização em vez de aumentar o número de leitores da literatura, atira-os, junto com os analfabetos, da fase folclórica para a cultura massificada. Nesse sentido, ao ler a obra literária ou mesmo ao ouvir as narrativas orais, ou participar das festas locais, convém considerar a questão da voz popular: como ela se manifesta; que valores devemos atribuir-lhes; como analisar as relações entre a literatura e a sociedade.

No estado do Tocantins, com sua diversidade cultural, a maioria dos festejos acontece entre janeiro e junho; em agosto temos a festa do Senhor do Bonfim em Natividade, nessa época, as escolas têm que adaptar o calendário de atividades, pois muitas pessoas, (filhos acompanhando seus pais), partem em romaria. Algumas outras cidades, a exemplo de Monte do Carmo, cultivam suas tradicionais festas locais. A maioria das cidades do Tocantins promove festas a seus santos padroeiros organizadas pelos dirigentes e pelos fiéis da Igreja Católica. Essas tantas manifestações se constituem em rico material para pesquisa, pois todas se configuram no universo da oralidade.

Cabe aqui levantar a seguinte questão: se o mundo da oralidade é matéria para a obra literária, ao incluí-lo no texto, o escritor, além de legitimar a exclusão, se serve dela como veículo de denúncia, ou seja, a utiliza como um dos meios para que o iletrado seja, de certa forma, ouvido, mesmo que por poucos. Dessa forma o escritor é visto como um elemento

² A obra ao sair do espaço regional se universaliza isso só é possível com o trabalho de co-produção do leitor. Antonio Candido em *A literatura e a Formação do homem*, (1972), identifica três funções exercidas pela literatura, as quais, em seu conjunto, denomina de *Função Humanizadora da Literatura*: função psicológica, função formadora e função social.

³ Herman Lima. *Variações sobre o conto*. 1962, p. 47.

também contraditório, ambíguo. Porque sem o exotismo da matéria local, quero dizer, sem a cultura massificada, há pouco o que se dizer numa obra regionalista.

A pesquisa durou cerca de dois anos, condição inicial para que pudéssemos construir uma proposta séria e exequível e fazer uma triagem pela bibliografia acerca da origem do conto, bem como da tradição regionalista e do sertanismo na literatura brasileira. Nesse período, lemos muitos autores da região e ouvimos e registramos muitos causos. Percebemos que existem escritores⁴ em nosso estado que utilizam a matéria local com uma dose exagerada de exotismo. Esse exotismo não representa mais interesse aos leitores com maturidade literária. Por isso essas obras correm um sério risco de jamais saírem dos limites do regional. Podem estar fadadas ao esquecimento. Pois a obra só se universaliza se apresentar elementos que promovam sua disseminação.

2 Trabalhos realizados a partir da pesquisa

A idéia inicial do trabalho era discutir questões voltadas para a cultura da oralidade. Mas surgiram tantas novidades em relação à história local que nossa pesquisa assumiu uma característica híbrida. Reorganizamos nosso roteiro e incluímos os contextos históricos e sociais aos subprojetos desenvolvidos. Além da interlocução estabelecida com a literatura universal, percebemos-la com outras áreas, como a sociologia, história e antropologia.

Do resultado das pesquisas resultaram em dez trabalhos monográficos. Desses trabalhos elegemos três: Festa do Divino, uma expressão de fé; Monte do Carmo: Cultura de Monte do Carmo: religiosidade em foco e em Itacajá, relatos orais sobre suas histórias e cultivo de suas manifestações culturais.

As cidades tocantinenses são dotadas de riquezas e festas populares, que despertam interesse por suas danças e rituais, remontando a presença do negro, dos foliões de reis, da catira entre outras manifestações culturais. E, mesmo com sinais de rádio e televisão, além da influência que recebemos de outros estados brasileiros, Tocantins ainda preserva um complexo de normas, símbolos, mitos e imagens locais que sensibilizam qualquer pesquisador da área.

Um Estado estratégico, entre o Centro-Oeste, o nordeste e a Amazônia – para a conquista de multimercados. Mais do que uma fronteira agrícola, o Estado do Tocantins é um território único do país onde terra e povo, clima e relevo, espaço e rios, são valores naturalmente vocacionados para atender as diversidades dos mercados globalizados.⁵

A seguir, as cidades do Estado do Tocantins, que se destacam pela cultura e cultivo das tradições regionais, com destaque para cidade de Monte do Carmo, Itacajá e Guaraí, municípios escolhidos para este artigo.

3 Monte do Carmo

O Arraial do Carmo foi fundado em 1746. O ouro abundante atraiu aventureiros de todas as regiões e nobres portugueses. A importância econômica era tanta que o arraial chegou a ter onze padres, entre eles o rico e poderoso senhor das minas e dos escravos, Padre Gama, nomeado diretamente pela rainha de Portugal D. Maria I. Assim, Monte do Carmo chegou a ter uma pequena corte, com status de um principado português.

O passado áureo deixou poucos marcos na arquitetura, mas seus moradores mantêm a

⁴ A exemplo de Juarez Moreira Filho e Liberato Póvoa. Este apesar de já ter recebido prêmios por sua produção literária, suas obras são extremamente saudosistas, talvez tenha saudade de uma época que não viveu, ou não queira que essa linguagem caia no esquecimento. Em seus textos, carrega o vocabulário com palavras há muito em desuso, até mesmo no sertão, e as traduz com notas de rodapé. Aquele trabalha com o óbvio, sua obra não causa inquietação no leitor. Esse tipo regionalismo não chega a ser totalmente exótico, porque quando o leitor compreende o sentido das palavras, já perdeu o interesse pelo enredo.

⁵ SILVA, Otávio Barros. *Breve história do Tocantins e de sua gente*: – uma luta secular: Araguaína: Federação das Indústrias do Estado do Tocantins Brasília: Solo Editores 197p.

rica tradição do folclore, que retrata o convívio real do negro, do índio e do branco colonizador, num sincretismo religioso presente nas atuais manifestações religiosas e folclóricas. Em Monte do Carmo são cultivadas danças folclóricas dos Congos e Taieiras, por exemplo, a Sussa⁶, relembrando a saga dos negros e dos brancos e suas crenças.

Destacamos ali a cultura religiosa. Esta tradição tem origem no século XVIII, em pleno ciclo do ouro. Observando o comportamento das pessoas e entrevistando moradores da região responsáveis pela preservação desses valores, percebemos quão forte é a fé desse povo e o quanto é importante a oralidade na preservação da memória coletiva.⁷

Os foliões louvam ao Divino e a Nossa Senhora do Carmo em forma de canto que eles produzem durante o giro da folia e quando chegam à casa onde são solicitados.

A folia do Divino começa nove dias antes do dia de Pentecostes, e os foliões deixam para encerrar a festa com uma enorme folia no mês de Julho, na qual comemoram também a festa da Rainha Nossa Senhora do Carmo.

As festividades começam sempre no dia 14 de Julho, não importa o dia da semana, é uma data fixa e esperada por milhares de pessoas devotas.

3.1 Monte do Carmo: sua Cultura e Religiosidade

A história de Monte do Carmo começa a partir do descobrimento das minas de ouro na primeira metade do século XVIII. Prossegue em 1741, com a fundação do Arraial de Nossa Senhora do Carmo pelo bandeirante Manoel de Souza Ferreira, na confluência do ribeirão Matança, hoje córrego Água Suja (devido à lavagem do ouro), com o córrego Sucuri que abastece a cidade. Em 1836 deram-lhe o nome de Arraial de Nossa Senhora do Carmo. Em 1911, foi denominado Carmo, em 1943 resolveram mudar para Tairusú, mas não durou muito tempo, passou a se chamar Monte do Carmo, em 1953.

Monte do Carmo recebeu este nome em homenagem ao monte e aos irmãos Carmelitas. O monte rodeia toda a cidade e é preservado por causa da grande importância que representa para a cidade, existindo ainda em suas dependências, ruínas da igreja de Nossa Senhora do Rosário construída pelos escravos no século XVIII.

Como o ouro era abundante naquela época, os homens saíam para buscar esse ouro e, antes de sair, passavam a bandeira do Divino Espírito Santo para pedirem proteção para a viagem. Organizavam uma comitiva com esta bandeira. Ao som de tambores, percorriam todos os lugares da cidade. Como eram todos muito devotos e não querendo perder sua proteção na viagem, saíam acompanhando a imagem sagrada, ou eram carregados pelos parentes e amigos juntos dela.

Chegando à beira do rio, a bandeira era colocada dentro do canoa, e assim os tripulantes entravam para beijá-la. Enquanto estavam reverenciando-a, ao sinal do patrão, os proeiros soltavam a embarcação, deixando os barqueiros impossibilitados de voltar à terra firme para prolongar as despedidas. “A simples presença da imagem do Divino valia, portanto, mais do que ordens do patrão, mais do que os esforços e ameaças da polícia”⁸.

A cidade tem como atrativo principal o Turismo Religioso com um calendário extenso. A igreja de Nossa Senhora do Carmo é uma construção de 1801, ligada à própria história da cidade e há, a seus redores, casas antigas, enriquecendo ainda mais a história. A igreja de São Gonçalo, que ficava ao pé da Serra do Carmo, era a igreja dos negros escravos.

⁶ Os congos e taieiras representam na cultura tocantinense homens e mulheres que acompanham as festas do Divino Espírito Santo. E a Sussa é uma dança de diversão dos foliões. (informações extraídas pela Senhora Fausta dos Santos moradora da cidade de Monte do Carmo – TO).

⁷ A maioria das informações sobre a cidade foi obtida por meio de entrevistas e conversas informais com os moradores, visto que a cidade não dispõe de registros sobre sua história.

⁸ Audrin, 1946, A (Trans) Formação Histórica do Tocantins / Odair Giraldin (org). – Goiânia: Ed. UFG; Palmas: Unitins, 2002. p.228

As datas de maior relevância da cidade são: Festa do Divino Espírito Santo (Foliões e Imperador); Nossa Senhora do Carmo (Padroeira da cidade); Nossa Senhora do Rosário (Rei e Rainha), Nossa Senhora do Carmo (Rainha) e São Sebastião (Vaqueiros). Essas festas são tidas como as mais tradicionais do estado e são conhecidas em toda região de Goiás e outros estados. É um conjunto de festejos realizados anualmente, num gesto de fé, devoção, folclore e tradição no Município de Monte do Carmo.

A religiosidade da cidade recebeu influência de outras irmandades, como a de Nossa Senhora do Rosário, a santa dos escravos, e a Irmandade do Divino Espírito Santo. Era comum à época existirem essas irmandades para trabalharem junto às comunidades.

Herança do período colonial, a comunidade ainda é agrária, ficando a maioria dos habitantes na zona rural. Graças a eles, as festas religiosas tornaram-se tradição em Monte do Carmo. Isto porque as pessoas das fazendas tinham muitas dificuldades de se deslocarem para cidade somente participavam das datas mais importantes: o dia do padroeiro e dias santos, mantendo assim a religiosidade da cidade. Mesmo quando poucas pessoas podiam participar dessas festividades, a fé era tanta que sempre havia um pequeno grupo liderado por alguém que iniciava a folia e não a deixava morrer. Com isso, estimulava os moradores da cidade a receberem os devotos⁹.

Essas festas fazem parte da identidade de Monte do Carmo, assim sendo, se morrerem as tradições religiosas, morre também sua identidade.

Mesmo com todas essas atividades, Monte do Carmo se sente obrigada a buscar crescimento, no que diz respeito à cultura e lazer, para continuar mostrando o que tem de melhor. É uma cidade de difícil acesso, e é passagem obrigatória para o Jalapão.

Os moradores são movidos pela fé que é muito forte e que carregam consigo e acreditam que tudo que recebem, todas as graças são vindas de Deus. Cada morador vive de muitas promessas e chegam a ficar em filas e esperam anos para realizar as folias e pagar suas promessas. Esta é uma das principais forças que mantém as folias do Divino. A cidade conta com 95% dos moradores, católicos, o que explica sua fé nas folias e vivem em função das promessas.

3.2 Origem da festa do Divino Espírito Santo

A devoção popular ao Espírito Santo resiste ao tempo, destacando-se em contextos urbanos e culturais bastante diferenciados. A Festa do Divino, a sobrevivência de um costume medieval, começou a ser realizada como manifestação de religiosidade popular na Alemanha, durante a Idade Média¹⁰. Foi trazida para Portugal no final do século XV, pela Rainha Isabel de Castela¹¹. No século seguinte (1522) já era realizada naquele país para angariar fundos que seriam empregados na manutenção de hospitais e outras obras de assistência domiciliar. No Brasil, a festa é uma herança dos colonos de origem portuguesa e são celebradas de maneiras diferentes em várias cidades do Brasil. É também uma celebração da colheita,¹² tanto que, em várias regiões do Brasil sua realização foi mudada para além do dia de Pentecostes. Geralmente, era realizada entre os meses de agosto e setembro. Isso se explica pelo final da colheita do milho, o feijão das águas já havia sido colhido e o das secas seria plantado depois da festa.

A festa é uma homenagem à terceira pessoa da Santíssima Trindade: O Espírito Santo, fonte de amor e sabedoria, é representado pela pomba branca e por línguas de fogo, que pousaram sobre os apóstolos reunidos no cenáculo, em Pentecostes, cinquenta dias após a

⁹ A cidade chega a receber em torno de 10.000 pessoas por ano (informação dada em entrevista dia 27 de maio de 2005 na cidade de Monte do Carmo pela Secretária de cultura Marilda do Carmo José do Amaral).

¹⁰ Paulo Camilher Florençano, *A Festa do Divino Espírito Santo*, p 1.

¹¹ Emílio Willems Cunha, *Tradição e transição de uma cultura rural do Brasil*, p 153.

¹² Carlos Rodrigues Brandão, *Memória do Sagrado*, p 171

Ressurreição. As cores vermelha e branca também identificam o Paráclito¹³ e estão presentes nas procissões e missas, em que há coroação do Imperador do Divino, trajando roupas da época com coroa e bastão.

No século XVI, o programa das festas foi ampliado, até introduzirem cerimônia especial para o peditório, para a guarda da coroa, procissão e outros pormenores exteriores. Foi quando o simples peditório para o bodo¹⁴ passou a denominar-se folia, observando o ritual, este que também no Brasil, em particular no Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (interior e arredores da capital), bem como no Espírito Santo, foi observado com maior ou menor rigor. Em parte ainda o observam hoje em certos lugares do interior de São Paulo¹⁵.

A folia é composta de um terceto, um quarteto ou quinteto de músicos, no geral violino (rebeca), viola ou guitarra, pandeiro e ferrinhos, e mais outros tantos não músicos, para auxiliarem a cantoria e receberem óbulos¹⁶. Havia um grupo com vestuário característico, quase sempre, chapéu que parecia mitra episcopal¹⁷, tocando e cantando, percorria as ruas da localidade, pedindo a esmola para a celebração da festividade e distribuição do bodo.

A festa do Divino tem início no sábado de aleluia. Nesse dia, os foliões se dirigem à casa do Imperador para cantar e rezar o bendito¹⁸ da mesa, este é o primeiro passo para o giro da folia. O principal responsável pela preparação e realização da festa é o Imperador do Divino, devendo ser, ao mesmo tempo, seu maior investidor e aquele através de quem a cidade presta suas homenagens ao Espírito Santo, o Divino.

No domingo de Páscoa eles vão para igreja e o padre celebra a missa para abençoar os foliões que saem e só retornam após trinta dias. Ao meio dia, eles retornam à casa do Imperador¹⁹ para almoçarem e cantarem o bendito para ele. Depois disso, voltam para a igreja e em seguida vão para a praça, onde a comunidade já está esperando-os para saudá-los e beijarem as bandeiras e em seguida se despedirem, pois só irão retornar dentro de um mês. Os foliões não saem enquanto todos não beijarem a bandeira.

A folia para trinta dias é composta por dezoito foliões, doze cantadores, três arrieiros, um deles que é o chefe que serve para guardar o dinheiro das esmolas e outros três para cuidarem dos alimentos e dos cavalos, além dos dezoito componentes acompanham os foliões, o caixeiro e o encarregado que leva a bandeira.

O gosto pelas folias, já vem de berço, tradição herdada de pai para filho, de geração para geração.²⁰ Para ser um folião, tem que ter vocação e gosto pela festa, tem que ser inteligente, pois os cantos feitos durante o giro²¹ são feitos na hora e por isso exige muita agilidade, comparando-se aos repentistas, como existem os compositores que fazem suas músicas, os foliões também compõem seus cantos. Cada música tem um ritmo, ou seja, a catira tem um jeito de dançar, a roda que é a mais “arrochada”²² tem outro ritmo e assim por diante. Para cada ritmo um estilo de dançar²³. A seguir, um exemplo do canto de roda que os foliões cantam na entrada ou depois da janta, na casa do imperador:

¹³ Palavra derivante de *Paracleto*, que quer dizer Espírito Santo ou pessoa que defende e protege alguém (dicionário eletrônico Houaiss).

¹⁴ Oferendas para os pobres do Divino (dicionário eletrônico Houaiss).

¹⁵ EWBank, Thomas Viagem ao Brasil: Edusp / Itatiaia-SP., 1976

¹⁶ Preservação de patrimônios ligados em honra aos apóstolos

¹⁷ Espécie de chapéu utilizado por bispos, cardeais e papa em cerimônias solenes.

¹⁸ O bendito é um canto que os foliões rezam para pedir a proteção da bandeira do Divino

¹⁹ O Imperador é quem dá a festa para a comunidade e é escolhido através de sorteio na igreja e na presença de toda a comunidade carmelita.

²⁰ Informação dada pelo folião de Monte do Carmo em entrevista dia 27 de maio de 2005 Sr. Jacson Martins Cirilo.

²¹ Viagem pelas fazendas, levando a bandeira do Divino

²² Dança de descontração dos foliões, é uma dança rápida

²³ Informações colhidas em entrevista com um folião do Divino de Monte do Carmo, Jacson Martins Cirilo.

Eu vou, eu vou, Santana mãe de Maria./ Eu estava num aperto, / agora chegou o dia, / Já está com muito tempo, tenho trato com Satú / Eu já dei minha garantia, pra ele fazer uma festa / e nós girar numa folia. /Eu estava lá em casa com prazer e alegria/ Convidei meu companheiro, avisei o encarregado e os meus foliões de guia. / Vamos dar uma boa tarde pra esse nosso imperador e também nossa rainha Que no dia 27²⁴ é a chegada das folias.

Cada folião faz seu repente e cada moda deve ser ensaiada, para ser cantada na hora do giro na casa do imperador e das pessoas que os receberem durante sua trajetória. Quando chegam à casa onde vão pernoitar eles cantam o bendito da mesa que é mais ou menos assim: **Pela primeira palavra, Que os anjos me disseram (bis)/ Na cabeceira da mesa, Faz a vena²⁵ meu alferes²⁶ (bis).**

Depois de cantado o bendito da mesa, os foliões passam a bandeira e agradecem pelas graças recebidas, pelo o pão de cada dia e por estarem conseguindo fazer o giro da folia do Divino Espírito Santo. Após saírem da casa do pouso, eles seguem o giro quase sempre em silêncio só cantando no próprio local onde vão pernoitar. Em alguns momentos eles “tiram uma roda”, para descontraírem. Ao chegarem no próximo local no final do dia, pedem através do canto abaixo, licença para entrar, só entrando após terminarem de cantar:

Faz a vena meu alferes (bis),/ Com sua bandeira na mão (bis), É pra o dono da casa (bis), /Receber no coração (bis), Da gorinha que nós chegamos (bis),/ Na beira do seu terreiro (bis), Queremos brincar um pouco (bis),/Licença eu peço primeiro.

O dono da casa já está sabendo da visita dos foliões e os arrieiros já estão na casa à espera dos cantadores. Quando chegam formam uma fila todos bem organizados com seus cavalos e cantadores à porta da casa, pedem a licença para pousarem. Quando já estão instalados, eles começam a Sussa²⁷, chamando o dono da casa para fazer a abertura da dança e ver a presença do dono da casa, após a apresentação, é aberto para os demais. A seguir, os versos que são cantados pelos foliões, para que o dono da casa se manifeste: **Eu quero ver quero ver/ O dono da casa dançar (3x).**

Após a sussa a missão dos foliões já está terminada e se preparam para dormir. Logo de manhã, eles se preparam para o café, cantam novamente o bendito da mesa para o dono da casa e se preparam para o almoço e só após almoçarem é que se despedem cantando o canto da despedida para irem embora. Além da sussa, existem mais duas modalidades de diversão, que são a catira e a roda.

Um ano antes da realização da Festa do Divino são distribuídos os chamados “encargos” da festa, ou seja, os papéis ou funções que cada um deverá exercer na folia. Estas funções são sorteadas entre todos os que se apresentam como candidatos. Os principais representantes da Festa da Folia do Divino Espírito Santo são:

- Imperador – é o soberano durante um ano na irmandade do Divino Espírito Santo; Imperatriz – é a esposa do Senhor Imperador que marca os festejos com sua presença;

A festa do Divino Espírito Santo apresenta várias peculiaridades:

- Folia do Divino Espírito Santo – procissão de homens a cavalo girando pela zona rural, louvando o Espírito Santo, tirando esmolas para os festejos. Numa irmandade organizada de caráter rogatório ao Divino Espírito Santo, pedindo proteção para

²⁴ Essa data pode mudar de acordo o calendário.

²⁵ Oferenda da bandeira do Divino.

²⁶ Encarregado de levar a bandeira.

²⁷ Tipo de dança para diversão dos foliões.

afastar epidemias ou pestes.

- Componentes – um alferes ou encarregado, doze foliões, um tocador, um violeiro e os arrieiros;
- Saída – sábado de aleluia, com a bandeira vermelha e desenho de uma pomba branca. Simboliza vitória e paz.
- Chegada – as folias se recolhem após trinta dias de giro a contar da data da saída.
- Capitão do Mastro do Divino Espírito Santo – é o mordomo que levanta o mastro como indicativo do tempo de alegria na primeira oitava da páscoa.
- Par de Estoques – armas em espécie de floretes ou espadas compridas, com três ou quatro quinas, conduzida por soldados da cavalaria portuguesa ou dragões de Goiás, caracterizam-se guardas de honra do Imperador;
- Par de Salva – é a saudação oficial manifestada por uma salva de tiros, dados simultaneamente quando a coroa ou a bandeira do Brasil é levada ao Imperador;
- Sorteio – um grupo de pessoas forma um número par que se denomina mordomos, integrantes do grupo que pagam uma taxa anual e se prontificam a serem chamados a qualquer uma das funções aqui citadas: Capitão de Mastro – Imperador – Alferes da bandeira. Essas funções são sorteadas após a missa do Divino, que são assumidos para o ano seguinte.

3.3 Novena de Nossa Senhora do Carmo

A festa em comemoração ao dia de Nossa Senhora do Carmo é realizada com festejos e com uma missa e um leilão de donativos ofertados pela própria comunidade, que vem arrecadar fundos para auxiliar na preservação da igreja. Nos festejos da Rainha, como eles próprios a chamam, são servidos muitos licores de diversos sabores e muitas variedades de doces e bolos, valorizando a culinária local. A missa se inicia ao meio dia e termina à tarde com a realização do leilão. A festa de Nossa Senhora do Carmo também traz a rainha que vem vestida a caráter.

Para a festa de Nossa Senhora do Carmo são realizadas as caçadas, que seguem a Rainha e o Rei montados, junto vão as caçadoras, as taieiras²⁸ e os congos²⁹. Eles se dirigem para um local pouco afastado do centro da cidade, onde no passado era arborizado e hoje é um campo de futebol. Nesse local acontecem alguns cantos, danças e apresentações e depois retornam para a igreja, onde a Rainha passa a coroa para a sua sucessora.

Após a entrega, saem cantando acompanhando a nova Rainha até sua casa. Os congos cantam fazendo a vena³⁰ à Rainha e em seguida as taieiras, e assim vão até chegar à casa onde haverá uma grande festa oferecida pela nova rainha a toda a comunidade.

Antes da festa, rezam um Pai Nosso, a Jaculatória de Nossa Senhora do Carmo e a oração de Nossa Senhora.

Canto a Nossa Senhora do Carmo

Nosso amparo é nosso guia / ó Senhora do Carmo / sede-nos propicia / que mãe
nossa Deus vos fez do Carmo / vos fez senhora que por mãe vos escolheu / grande
protetora / nosso bom Jesus nos deu.

No dia seguinte a Rainha retorna coroadada, à igreja rodeada de cantores e sanfoneiros para assistirem à missa e fazerem o sorteio do Imperador para o ano seguinte, para Rainha não precisa sorteio, é considerada a rainha a esposa do Imperador.

Enfim, os festejos de Nossa Senhora do Carmo são bem mais intensos que os do Divino

²⁸ Mulheres bem vestidas que acompanham a rainha.

²⁹ Homens que acompanham as Taieiras.

³⁰ Oferenda da bandeira à rainha.

Espírito Santo, mas a fé que os acompanha é muito maior que todas as festas e tradições.

3.3.1 Oração a Nossa Senhora do Carmo

Oração feita quando querem receber alguma graça de Nossa Senhora do Carmo. Os fiéis fazem sua promessa em seguida à oração.

Senhora do Carmo, Rainha dos anjos, / Canal das mais ternas mercês de Deus para com os homens. / Refúgio e advogada dos pecadores, / Com confiança eu me prostro diante de vós Suplicando-vos que obtenhais.

(pede-se a graça).

Em reconhecimento, solenemente prometo / Recorro a vós todas as minhas dificuldades, / Sofrimentos e tentações, / E farei tudo que ao meu alcance estiver, / A fim de induzir outros a amar-vos, / Reverenciar-vos e invocar-vos / Em todas as suas necessidades. / Agradeço-vos as inúmeras bênçãos / Que tenho recebido de vossa mercê / E poderosa intercessão. / Continuai a ser meu escudo nos perigos, / Minha guia na vida / E minha consolação na hora da morte. / Amém. / Nossa Senhora do Carmo, / Advogada dos pecadores mais abandonados, / Rogai pela alma do pecador mais abandonado do mundo. / Ó Senhora rogai por nós, / Que recorremos a vós.

4 Guaraí - perfil histórico

Em 1937, Leôncio de Souza Miranda, sai da cidade de Pedro Afonso à procura de novas oportunidades comerciais, instala-se à margem esquerda do Rio Tocantins, que à época era a única via de comunicação e acesso ao norte goiano.

A Lei nº 837, de 22 de junho de 1953, elevou à categoria de município, com o nome de Tupirama, sendo instalado oficialmente em 1º de janeiro de 1954. Nessa época já declinava o ritmo inicial do crescimento local, motivado pelo advento da rodovia federal BR 153 (Belém/Brasília).

Em 1961, o povoado Guará contava com cerca de duzentos e cinquenta habitantes, vinte e cinco casas de comércio varejista, um posto de gasolina, um posto de atendimento médico e um campo de pouso de avião.

A força de atração da BR -153 tornou-se tão intensa, que em pouco tempo Guará ultrapassou Tupirama, tornando-se mais importante.

Em 1970, a sede municipal foi transferida de Tupirama para o povoado Guará, pela Lei nº 7.177, de 05 de novembro de 1968, passando o município a denominar-se Guaraí, que significava “Lobo Pequeno” (na língua indígena, Tupi-guarani, Guará significa Lobo, acrescido do sufixo (i) que se traduz como pequeno. Foi dado esse nome ao local, em virtude da grande quantidade desse animal (guará) existente na região. De Guaraí elegemos a festa do Divino como expressões culturais do povo.

5. Festa do Divino em Guaraí

A Festa do Divino Espírito Santo, realizada anualmente na cidade tocantinense de Guaraí, é uma das importantes manifestações de religiosidade popular. É comemorada há, pelo menos, 24 anos. Em 1980, pela primeira vez a folia do Divino percorre as ruas da cidade. A princípio alguns amigos e familiares. Nos anos subseqüentes o número de foliões e pagadores de promessas aumentou.

A folia tem um papel muito importante para a realização da Festa do Divino. Durante muitos meses os foliões se preparam para percorrerem as ruas e bairros de nossa cidade em romaria, oito dias antes do dia de Pentecostes. Com a finalidade de convidar o povo para a grande festa. Há pessoas que acompanham para pagar promessa.

Ao chegar o dia da romaria, às 7h, fogos anunciam a saída na casa da foliã. É comum a dona da promessa cumprir um ritual: adentra a seus aposentos e traz consigo o símbolo maior da festa, com o hino de louvor ao Divino Espírito Santo. Ela percorre o ambiente com a Bandeira do Divino, centro das devoções. Ali se colocam fitas de várias cores significando as graças recebidas. E durante a permanência na casa a majestosa Bandeira feita em tecido vermelho com uma pomba branca ao centro é ostentada com honra pelo porta-bandeira e reverenciada pelos foliões para, em seguida, iniciar a peregrinação pelas ruas até às 18h: quando retorna à casa da foliã. No mesmo dia às 19h, iniciam a novena, reza do terço, leituras bíblicas, acompanhadas por dezenas de pessoas e foliões que ensaiam os hinos da folia, é uma preparação espiritual para celebrar o dia de Pentecostes.

A folia do Divino é formada por nove foliões, três tocadores de violão, uma caixa de percussão, um porta-bandeira e cinco mulheres que iniciam a louvação ao adentrarem nas casas em que são solicitadas.³¹ Carlos Brandão considera que o ritual popular da visitação, feito pelas folias, é um trazer da rua para a casa e um devolver a casa à rua, à sociedade. E que esse alegre invadir das casas pela rua é impossível em outras culturas.

Chega o grande dia de pentecostes. A cidade é despertada por fogos às 8h. É o momento aguardado por todos com muita emoção.. A dona da promessa cumpre o último ato: adentra a seus aposentos, traz novamente consigo a Bandeira, ladeada por irmandades uniformizadas de vermelho e branco que louvam o Divino Espírito Santo.

Pagadores de promessa e foliões se postam diante do altar ornado para iniciar a reza do terço acompanhado de leituras bíblicas e cantos adequados ao tempo litúrgico, o ritual se encerra com a ladainha **cantada em Latim**. O povo só considera a festa terminada com a queima de fogos, muita cantoria e café com bolo à vontade para todos os presentes.

5.1 Hinos de louvação ao Divino Espírito Santo

As pessoas fazem promessas a partir de necessidade próprias, ou para pessoas ligadas por laços afetivos para adquirir graças e bem-estar das tensões que afligem o espírito. A partir do momento em que entregam o problema para Deus ou à entidade transcendente que o devoto julga capaz de resolvê-lo, sente-se aliviado.

Nas festividades os devotos cumprem suas promessas, em público se manifestam contritos. Levam oferendas aos organizadores da festa. Essas oferendas são resultados da colheita de grãos e são oferecidas como forma de “pagamento” pelas bênçãos recebidas.

Propõe-se, então, a apresentar o hino de louvação da romaria ao Divino Espírito Santo, concentra-se na sua textualidade. A intenção não é contrapor ao hino, mas somar idéias às interpretações do poema cantado pelos foliões durante a romaria, gerado no contexto específico de uma tradição religiosa.

O quadragésimo segundo domingo que antecede o dia de Pentecostes é especial para os foliões do Divino Espírito Santo. Nesse dia a romaria cumpre o ritual da visitação. Nas primeiras horas do dia um banquete para “quebrar o jejum” os espera na casa da ilustre foliã que há vinte e quatro anos leva a alegria de sua cantoria aos lares de Guaraí. A anfitriã guardiã da Bandeira do Divino pede a todos que façam silêncio e num gesto majestoso inicia a romaria com o canto ao **Divino Espírito Santo**.³²

Meu divino Espírito Santo, eu a vós venho visitar. / Venho lhe pedi uma esmola, se vós nos quiser dar. / Se vós quiser nos dar uma esmola por caridade., / Para repartir com os pobres, na maior necessidade // Na maior necessidade, meu Divino Espírito Santo. / Sois uma pomba excelente toda vestida de branco. / Toda vestida de branco, os pezin, biquin vermelho. / É uma das três pessoas daquele Deus verdadeiro. // Daquele Deus verdadeiro vós ama da doutrina. / Só se vê tão abrasado do fogo no

³¹ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Cultura na Rua*. São Paulo: Papirus, 1989, p.17

³² Hino cantado por Antonia Correia de Almeida em sua residência ao iniciar e ao retornar da visitação das casas.

amor Divino. / Quando o sol vem saindo, pede licença ao senhor. / Para botar os seus raios, meu divino resplendor. // Meu Divino resplendor, Divino consolador. / Consolai as nossas almas quando desse mundo eu for. / Quando deste mundo eu for, os anjinhos vão também, / Levam nossas almas ao céu, para todo o sempre. Amém. //

O início da louvação apresenta um poema de quatro estrofes. Todas contendo quatro versos, não possuem métricas perfeitas, mas há uma preocupação com as rimas. O verso constitui-se, de quadras com quatro versos livres, as rimas nas duas primeiras e últimas estrofes são emparelhadas. O poema retrata a visita dos foliões ao santuário do Divino Espírito Santo, ornado, no altar, à espera dos seus devotos antes de saírem em romaria pelas ruas da cidade, é um pedir autorização para pedir esmola em seu nome.

Hino de Louvação

E glória ao pai e glória ao filho / Glória ao Espírito Santo. / E como era no principio / Agora e sempre, amém. / E Deus vos salve altar bendito, / Deus vos salve a vela acesa / E Deus vos salve a santidade / Que é membro da natureza. / E há três dias que eu andava / Atrás do meu bom Jesus / E onde foi que eu encontrei? / Crucificado na cruz. / E meu Divino Espírito Santo, / Raios do sol que nos cobre / E por ser dono do tesouro, / Pede esmola como pobres. / E este santo pede esmola / Não é pra luxo nem festa. / Este santo pede esmola, / Para cumprir uma promessa. / E, a dona dessa promessa, / Achou-se esmorecida / E se apegou com meu Divino / Sempre foi favorecida. / Ó minha virgem, nossa senhora, / Eu quero um laço de fita / E, no meio da santidade, / Meu divino é o mais bonito. / E meu Divino Espírito Santo, / Milagroso em segundos, / E livrai seus filhos da peste / Das agressões desse mundo. / E lá vai a pomba voando / Nos ares bateu as asas / E vai cantando catando viva-viva / Para os donos dessa casa. / E passe a sombra da bandeira / Por cima dos foliões. / E quem se recolher de baixo / Põe o joelho no chão. / E se despeça do Divino / Até o ano que vem. / E, abençoa meu Divino, / toda família, amém.

Ao som da caixa do Divino e dos violeiros, os foliões iniciam a Divindade. O porta-bandeira se coloca ao lado de fora da casa, a Bandeira vai sendo beijada e reverenciada pelos romeiros numa contrição impressionante, enquanto se preparam para visitar as casas de vários bairros da cidade. As cantorias prosseguem. O primeiro a ser visitado é sempre o vizinho da direita. É anunciada a chegada da Divindade em sua casa e justificam os pedidos. Percebe-se que os pedidos são feitos em nome do Divino Espírito Santo. Esse pedir esmola é, de certa forma, simbólico. Observa-se que a maioria das pessoas que recebem a visita dos foliões não faz nenhuma doação. Porém a divindade está cumprindo sua função, levar alegria do Espírito Santo às casas. É interessante observar que, na maioria das visitas, são cantadas dez estrofes, porém, quando sentem que não são bem-vindos, em sinal iniciam a estrofe da despedida do Divino. **E passe a sombra da bandeira por cima dos foliões e quem se recolher de baixo põe o joelho no chão e se despeça do Divino até o ano que vem. E abençoa meu Divino toda família, amém.**

O fenomenal é que a maioria das estrofes é caracterizada por vogal /consoante / vogal e rimam no segundo e quarto versos. Os versos têm que rimar se não ficam com os “pés quebrados”. “Pés” significam estrofes hexâmetros (de seis pés) ou seis estrofes de quatro versos.

Na casa de uma foliã

Oh minha gente venha ver / Quem chegou aqui agora: / É meu Divino Espírito Santo / Que vem descendo da glória. / E meu divino Espírito Santo, / Raios do sol que nos cobre, / E por ser dono do tesouro, / Pede esmola como pobres. / E Deus vos salve altar bendito / Deus vos salve a vela acesa. / E Deus salve a Santidade, / Que é mimo da natureza. / Graças a Deus q'eu estou cantando / Na casa de uma

foliã. / Oh, meu Divino Espírito Santo Proteja essa foliã. / E esta casa está bem feita
/ Com seus alicerces de vidro. / Que nela viva muitos anos / Mulher, filhos e marido.
/ Que mulher filhos e marido / Viva os anos que desejar. / E depois dos anos
completos, / No reino do céu se vejam. / E esta casa cheira rosa, / Cheira flor de
laranjeira, / E nela tem moça formosa/ Que tem parte com bandeira. / E Deus lhe
pague a sua esmola, / E lhe dê os parabéns! / E no reino do céu, se veja / Os anjos
dizendo amém. / E passe a sopra da bandeira, / Deste tom alto senhor. / Que nela
fique retratado, / Em graça do seu amor./ E se despeça do divino/ Até o ano que
vem. / E abençoe meu divino, / Toda família, amém.

Ao longo dos anos de festividades ao Divino Espírito Santo, a irmandade criou laços afetivos. As estrofes revelam o apreço que a anfitriã possui pela família que acompanha a divindade e se revela devota.

O grupo dos foliões não é composto apenas de senhoras da terceira idade, jovens também seguem a romaria e se mostram participativos durante o cortejo.

A Festa do Divino, como expressão de religiosidade é também uma forma de identidade cultural popular. Seguindo a tradição, é transmitida para outras gerações que ao longo dos tempos vêm sofrendo influências conforme as diferenças culturais de cada povo.

A abrangência da Festa do Divino, como expressão de religiosidade popular que outrora era atribuída aos pobres, é uma expressão cultural para uns, folclórica, para outros. Entretanto como formas de expressar-se de pessoas de vários segmentos da sociedade, essas manifestações se alargam para além da beleza, originalidade ou simplicidade que se encerram, pois têm como fundamento ir ao encontro do transcendente.

Nas culturas da população pobre,³³ a religiosidade é um forte dado comum que contribui para a coesão e a harmonia da sua vida. Aí, a fé no sobrenatural constitui elemento familiar que perpassa o cotidiano. O que é matéria do espírito nunca está separado da atividade humana, no trabalho ou na festa, na doença ou na cura.

A intenção dos organizadores é que a alegria do Divino Espírito Santo levado às casas da comunidade incentive a participação na festa e que o encontro consiga ampliar a discussão sobre cultura popular, folclore que, segundo palavras de Luís Câmara Cascudo, se explica por ser uma “fonte inesgotável de conhecimento”. Seguem em procissão por vários bairros da cidade onde pessoas “representantes” do “saber popular” da região criam um diálogo entre a liturgia da Igreja e a religiosidade popular. Os foliões são convidados para exaltar a vida e cantar os feitos e os poderes do Divino Espírito Santo.

As manifestações de religiosidade são a razão primeira, irrefutável e excepcional que inúmeros membros da comunidade de Guaraí encontram para realizar, por meio de orações, louvores, sua mais autêntica declaração de fé ao Divino Espírito Santo.

Uma Bandeira vermelha ornada com fitas representa a terceira pessoa da Santíssima Trindade. As celebrações, além da romaria são, para os organizadores elementos que mantêm o povo cristão que se encontra na condição de peregrino, fiel a sua missão.

6 Kraholândia

Grupo indígena krahô, localizado na região Nordeste do Tocantins (nas cidades Goiatins e Itacajá) e se dedica às atividades agrárias, caça e pesca.

Os índios krahôs constituem um ramo dos timbiras. As tribos timbiras podem ser distribuídas em dois grupos: o Oriental e o Ocidental. Os timbiras orientais abrangem as tribos Gavião, no Pará; Pucobiê, Cricanti, Ramcramecrá (Canela) e Apaniecrá (Canela), no Maranhão; e krahô, no Tocantins. Os ocidentais são constituídos por uma tribo apenas, os

³³ Segundo Pedro Demo em *Pobreza Política*, p.13 “Pobreza não pode ser definida apenas como carência... Pobreza é; em sua essência repressão, ou seja, resultado da discriminação sobre o terreno das vantagens”.

Apinajés, que habitam o extremo norte do Tocantins. Os timbiras Ocidentais habitam à margem esquerda do Tocantins, enquanto os Orientais se localizam em pontos esparsos de uma vasta região à margem direita.

Os krahôs começaram o contato com os civilizados no início do século XIX, entrando em conflito com as fazendas de gado que avançavam do Piauí para o Sul do Maranhão. Eles então viviam próximo do rio Balsas, afluente do Parnaíba. Após atacarem uma grande fazenda, em 1809, foram assaltados, em vingança, por uma expedição dirigida por Manuel José de Assunção, que fez mais de 70 prisioneiros krahôs e enviou-os a São Luís do Maranhão.

6.1 Costumes e tradições krahô

A mitologia Krahô não faz referência à origem do mundo como os textos bíblicos. O Sol e Lua são os heróis criadores dos homens, que iniciam suas atividades num universo já existente. O mito de Sol e Lua mostra como surgiram os seres humanos e uma série de limitações e dificuldades que a natureza impõe aos homens. Contam os Krahôs em sua história mitológica que Pud, deus sol e Pudleré, deus lua, foram habitar a terra em forma de homens. Todas as coisas do mundo tiveram origem através do canto. Para os Krahô o canto é sagrado e tudo começa e termina com os cânticos.

Possuem dois partidos, ou duas metades o Katamye que representa o inverno, rege as chuvas, o poente, as matas verdes, o frio, os animais noturnos e Wakemye que representa o verão, o nascente, a seca, o calor e os animais noturnos que estão presentes em tudo. Segundo a tradição, são essas forças, inverno e verão, com todos os seus representantes e o círculo com seu anel sagrado, capaz de explicar os mistérios que regem a natureza e o homem.

É importante para os Krahô que as duas metades estejam em equilíbrio. Observam a rotatividade da Terra durante o plantio, respeitando o tempo das caçadas e todas as atividades, dentro de uma relação com o tempo e variações sazonais, para que se respeite o ritmo da vida e mantenha o equilíbrio. Acreditam que, ao desrespeitar o equilíbrio, as duas metades, ou o ritmo natural da vida, as consequências vêm através de doenças, da fome, da sede e finalmente da morte.

Tribo Indígena Krahô – vista aérea da Aldeia Manoel Alves Pequeno Itacajá – TO



As aldeias Krahô são politicamente independentes. Construídas em disposição circular, com um grande pátio no centro chamado Kà, onde a tribo se reúne para fazer as divisões de trabalho e tudo que seja importante para a concepção da vida cotidiana na aldeia.

O formato circular da aldeia pode estar relacionado à preservação da cultura de seus ancestrais e à continuidade do ciclo de vida, sem esquecer da proteção oferecida pelos mais velhos, pois a sabedoria também é transmitida no convívio do dia-a-dia.

O círculo está ligado ao universo simbólico dos índios. Isto porque a natureza é considerada sagrada e sua força influencia sua vida. Todo Poder do Mundo trabalha em círculo, o céu é redondo e a Terra também. O vento, em seu máximo poder, rodopia. Os pássaros constroem ninhos em círculos. O sol vem e vai num círculo, como a lua, e ambos são redondos.

Mesmo as estações formam um grande círculo em suas mudanças, voltando sempre ao ponto em que estiveram. A vida de um homem é um círculo de infância a infância, e assim, em tudo o que o poder move. As casas indígenas eram redondas como os ninhos dos pássaros e dispostas em círculos.

A circunferência formada pelas casas não é proporcional ao seu número. Cada casa tem seu próprio caminho que a liga ao pátio, e estes caminhos radiais são iguais para todos, o que significa que “todos têm o mesmo peso social” e que estão relacionados de um mesmo modo ao pátio, centro das decisões políticas e de toda vida ritual.

Esta disposição especial das casas forma assim o círculo maior da aldeia, normalmente chamado de Periferia. Diante das casas passa um caminho circular, o Kricapé (onde Kri =aldeia). É na periferia que têm lugar as atividades domésticas ligadas à produção. As casas aparecem como unidades fisicamente definidas e demarcadas.

Cada uma abriga os dois únicos grupos sociais: a família elementar (pai, mãe e filho) e o grupo doméstico, o que quer dizer que uma casa compõe-se de pelo menos duas famílias elementares. Os homens, ao se casarem, devem residir na casa da mãe de suas esposas; assim, as famílias elementares de uma mesma casa, que constituem o grupo doméstico, são ligadas pelos laços mãe – filhas.

A expansão das aldeias não é dada de forma linear. Quando o círculo periférico da aldeia já não suporta mais a construção de novas casas, as novas famílias vão construindo suas casas atrás das casas das mães.

A divisão de trabalho é feita pela separação de sexo e idade. Os homens cuidam da agricultura e das atividades guerreiras, caçam e pescam. As mulheres, fazem a colheita, plantam e cuidam da casa. As crianças imitam os adultos do mesmo sexo. As meninas maiores cuidam dos menores e os meninos, assim como os velhos, são encarregados de carregar as armas e levarem a caça para as aldeias. Os velhos são representantes da tradição, conselheiros e sábios.

Na roça, cultivam mandioca, batata, amendoim, abóbora e principalmente o milho, com espigas finas e compridas, grãos macios e doces. Ele se presta ao consumo imediato, o que é feito pelos índios sob a forma de papas, bolos ou cozidos. Considerado sagrado para os Krahô, justamente pela fartura que contém este alimento.

Os Krahô também confeccionam artesanatos utilitários: cofos para carregar lenhas e alimentos. Bolsas para viagens ou para colocar roupas e pequenos objetos, cuias, pilões, abanos e cestas. O material empregado na confecção dos artesanatos é retirado da natureza sementes, palhas de buriti e babaçu, penas de pássaros e cabaças. Produzem enfeites e instrumentos musicais para as festas como os colares e as flautas de cabacinhas e os maracás que são feitos pelos homens.

6.2 Celebrações e rituais

Tanto os mitos³⁴ quanto os ritos³⁵ e a magia acentuam as relações entre a aldeia e o mundo externo, entre a sociedade e a natureza, que parecem formar uma oposição muito importante para a compreensão do sistema ideológico Krahô.

Para os Krahôs, a natureza é considerada sagrada, tudo que vem dela tem de ser respeitado, sua força está acima do ser humano. Por isso, acreditam que todos os seres: animais, vegetais ou minerais, possuem alma, conhecida como Karô, que pode afastar-se do corpo. Quando morre um Krahô, acontece a separação definitiva e depois o Karô transforma-se em animal, uma espécie sagrada que volta a servir a Terra numa forma diferente da humana (deduz-se que seu retorno seja em forma de animal).

São celebradas na cultura Krahô várias festas, entre elas A Festa da Batata (Panti) – é realizada durante o verão, quando existe comida suficiente para alimentar todos que participam dos rituais. Colhem milho, batatas, frutas e reúnem os partidos do verão e inverno para combinar como será a festa.

Durante a festa, os Krahô celebram seus casamentos e batizados. Preparam um grande bolo de mandioca e carne, o paparuto. Fazem os enfeites que os rapazes e as moças usarão durante as festividades.

Durante a festa, correm com a tora que chega a pesar 20 quilos. Participam os dois partidos: o do sol nascente e o do sol poente.

Como a todos os ritos está ligada a corrida de toras, esta se realiza quase todos os dias, variando muito de uma sociedade para outra. Conforme o rito que se realiza, variam os grupos que disputam a corrida, assim como a forma das toras e até o percurso.

Corrida se faz sempre com duas toras iguais, exceto umas poucas situações rituais em que se usam mais de duas. Os corredores se dividem em duas metades rivais, cabendo a cada qual conduzir uma das toras. A corrida se faz de fora para dentro da aldeia, ou apenas dentro dela. Mas nunca se realiza do interior para o exterior. Dependendo do rito e da atividade que os índios estejam realizando, o ponto de partida pode ficar desde algumas centenas de metros até uns poucos quilômetros da aldeia. Dentro desta, a corrida se faz no caminho circular, sempre no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio.

Segundo o rito que se esteja desenvolvendo, o ponto final da corrida deve ser o pátio ou uma das casas de witi. Este termo designa um menino ou menina, escolhido pelas mulheres ou pelos homens, respectivamente, como uma espécie de homenagem aos pais da criança.

As corridas realizadas exclusivamente dentro da aldeia são geralmente matinais, bem cedo, antes que os moradores da aldeia se preparem para iniciar as atividades do dia. As toras são selecionadas dentre aquelas já usadas e que estão à volta de uma casa de witi. Partindo daí, os corredores dão várias voltas pelo caminho circular da aldeia até deixarem as toras diante da mesma casa.

Não podemos nos esquecer da Festa do Milho (Pônhê)- Na festa do milho os krahôs comemoram a fartura das roças. A festa demora a acontecer, às vezes passam até dez anos para que ela seja realizada.

A festa começa com partido do inverno Katamye que pode significar a fartura, a generosidade da natureza, seu período de gestação, amadurecimento e colheita, recolhendo os alimentos nas roças do partido Wakemye, do verão, que pode simbolizar o fim de uma etapa generosa da natureza, o início de seu descanso para que possa recompor-se antes de iniciar novo ciclo.

³⁴ Mitos: são relatos sobre os seres divinos em cuja realidade o povo crê. Narrativa que tem pretensões de explicar um fenômeno da natureza. SILVA, Otávio Barros da, *Breve História do Tocantins e de sua Gente: Uma Luta Secular*. Araguaína: Solo editores, 1996. p. 84.

³⁵ Os ritos são relatados sobre atos ou ações cuja função é operar sobre a natureza. Idem. 1996, p. 84.

A culinária Krahô é baseada no que a natureza e as roças que plantam produzem: milho, mandioca, batata, inhame, caça, pesca e frutos silvestres. Atualmente consomem muito açúcar, sal e doces em geral, isto em função do convívio estabelecido com o homem “branco”. Presenciamos o preparo do paparuto, feito em nossa homenagem, à visita que fizemos à aldeia; é uma espécie de torta, de massa de mandioca e recheio de carne, cuidadosamente preparado pelas mulheres e assado pelos homens, e só servido em ocasiões especiais como casamento, ou ao receberem visitas importantes³⁶. O chefe Isaque nos explicou “que antes, em qualquer comemoração preparavam o paparuto, agora, devido a escassez da terra, só o preparam em ocasiões muito especiais”.

Considerações finais

A proposta dessa pesquisa é conhecer a cultura local, reconhecê-la como parte de nossa identidade e documentá-la, observando a interlocução entre esse *locus* de enunciação e a cultura universal.

A pesquisa conta com 270 páginas, dentre as quais destaquei algumas informações para apresentação em forma de artigo. Do grupo de pesquisa inicialmente organizado, todos os alunos já concluíram seu curso, mas o trabalho ainda está em fase de conclusão. É importante ressaltar que o estado do Tocantins, em função do seu processo de colonização e por sua localização geográfica apresenta grande diversidade cultural. E que a maioria dos causos, ritos e mitos ainda cultivados por aqui, apesar de estarmos constantemente em contato com o mundo “globalizado³⁷”, ainda assim conservam suas bases na cultura universal, adaptada de acordo com a cosmovisão local.

Nosso objetivo, de organizar um banco de dados que servisse de base à iniciação científica, foi alcançado. A maioria das informações apresentadas neste artigo foi colhida pelo grupo *in loco*. Mas nosso trabalho como pesquisador está apenas em fase de gestação.

ANEXOS

Imperador e Imperatriz da Festa do Divino Espírito Santo em Monte do Carmo



Saída da Rainha e do Rei para as caçadas na Festa de Nossa Senhora do Carmo



³⁶ “Visita
grupo de
considera
³⁷ Refiro

* Mes

Comunidade rezando o terço antes da saída da folia do Divino Espírito Santo



Parte do grupo de pesquisa recebendo visita-convite dos índios Krahô na FAG



Índios: Agostinho Krahô e seu primo o Cacique Isaque Krahô

Ritual Corrida da tora , na aldeia Krahô



Índio ancião, com seu maracá, celebrando a vida



Mulheres Krahô preparando o Paparuto



Referências Bibliográficas

- [1] GIRALDIN, Odair (Org.). *A (trans) formação histórica do Tocantins*. 2. ed. Goiânia: Ed. UFG; Palmas: Unitins, 2002. p. 228.
- [2] BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- [3] BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. São Paulo: Papirus, 1989.
- [4] _____. *Memória do sagrado: estudos de religião e ritual*. São Paulo, Paulinas, 1985.
- [5] CANDIDO, Antônio. *A literatura e a formação do homem*. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.
- [6] _____. *Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2000.
- [7] _____. *Literatura, espelho da América?* Luso Brasileira: Review Wisconin, nº 2, v. 32, 1995.

Encontro Regional da ABRALIC, 2007
Literaturas, Artes e Saberes

23 a 25 de julho de 2007
USP – São Paulo, Brasil

_____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queirós Editor, 2000.

CASCUDO Luis Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Itatiaia, 1984.

DEMO, P. *Pobreza política*. 7. ed. Campinas: Autores Associados, 1998.

EWBANK, Thomas. *Viagem ao Brasil*. São Paulo: EdUSP / Itatiaia, 1976

SILVA, Otávio Barros da. *Breve história do Tocantins e de sua gente: uma luta secular*. Araguaína: Solo Editores, 1996. p. 84.